

# Empresas selecionam pelos astros

LINA DE ALBUQUERQUE

Um candidato a emprego comparece à empresa e se submete à tradicional bateria de testes de seleção. Ao final, fornece horário, data e local de nascimento para um astrólogo verificar se o seu perfil celeste combina com a vaga oferecida. Esta cena não é apenas possível na cabeça do astrólogo paulistano Álvaro Schidt Neto, formado em filosofia na USP e especializado em desvendar as relações entre os astros e a vida profissional. Empresas de grande porte já contrataram os serviços dos astromantes, embora gostem de falar disso.

Os funcionários da área de recursos humanos de uma poderosa multinacional americana do setor de matéria primas admitem a ajuda dos astros, mas temem a divulgação da notícia. Da mesma maneira, duas psicólogas do departamento de seleção da Villares, que fazem um curso com Schidt com a finalidade de avaliar a eficácia do mapa astral e a possibilidade de implantá-lo na empresa, recusam-se a fornecer maiores detalhes da história.

“As grandes firmas adeptas da astrologia evitam tocar no assunto porque essa técnica soa como heresia para muitos psicólogos”, pondera Vera Franco Martins, diretora de eventos da Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento, e cliente de Schidt Neto. “Mas o mapa astral é um excelente recurso para identificar as capacidades e deficiências de um funcionário”, acredita. Para o gerente de planejamento da Valmet Tratores (que ainda estuda a adoção do teste astral), Armando Néri, a astrologia funciona também como um importante instrumento de plano de carreira. “O futuro dos iniciantes deveria ser planejado na empresa de acordo com o potencial revelado pelo mapa”, defende.

## DISPARATE

O psicólogo Luis Cláudio Figueiredo, professor de Psicologia na USP e PUC-SP, porém, considera a transferência do poder de decisão para os astros um verdadeiro disparate. O assessor do Conselho Regional de Psicologia, Roberto Yutaka, por sua vez, lembra que o candidato reprovado num emprego somente em virtude do mapa astral tem todo o direito de processar o psicólogo responsável pela decisão.

A escola paulistana Mindlin, que arquivava o perfil astrológico de todos os seus professores, recorre também à carta astrológica diante da necessidade de admitir, remanejar ou promover algum funcionário. A professora Ana Luíza Mendes, por exemplo, trocou as aulas na pré-escola pelo cargo de orientadora de 1º grau porque o mapa revelou nela um grande poder de liderança e de sistematização de idéias. “O próximo passo será aplicar o mapa astral aos nossos 150 alunos”, adianta a sócia e orientadora educacional Lourdes Campos de Andrade.

Mário Gonçalves Filho, dono da Gonçalves Presentes, deixou de contratar os serviços de uma candidata a um cargo de chefia porque o estudo astrológico de Schidt demonstrou que ela tinha pouca iniciativa.

Nos mapas formulados por Schidt, o planeta Saturno recebe uma atenção especial. Segundo ele, por meio da identificação da posição de Saturno é possível descobrir se o consultado está na profissão certa, ou se tem chance de progredir.

## GRAFOLOGIA

Empresas como a Hering, Cosmoquímica, Ovebra, e Companhia Suzano de Papel e Celulose, ainda não descobriram os astros, mas utilizam um recurso igualmente polêmico para admitir e promover os seus funcionários: a grafologia, estudo da personalidade por meio da letra cursiva. Todas elas contratam os serviços da psicóloga Maria Aparecida de Almeida, dona da Graphos Consultoria de Recursos Humanos, em São Paulo.

“Há um ano usamos esse método principalmente para a admissão de cargos de comando”, diz a psicóloga da Hering, Rosa Maria Cabral. “Se o laudo da grafóloga demonstra que o funcionário não preenche o cargo, não fazemos o contrato”, acrescenta a psicóloga Gilda de Oliveira, da Cosmoquímica. Segundo a grafóloga paulista, a letra pode revelar, entre outras coisas, se a pessoa é desonesta (quando não completa o “a” ou o “o”), racional (grafia sem inclinação para nenhum dos lados), introvertida ou prudente (tombamento para a esquerda), expansiva e influenciável (inclinação para a direita), empreendedora e otimista (se ela sobe no final da linha) e persistente (se não se altera do começo até o fim da linha).



Corpo docente da escola Mindlin: mapa astral revela inclinação dos professores e, em breve, fará perfil dos alunos



Itamar Miranda/AE

Schidt: assessor de multis

## I Ching dá conselhos genéricos

Atraído por um anúncio de jornal que divulgava um curso de I Ching especialmente endereçado a executivos, um público heterogêneo composto de nove pessoas assistiu, na noite de quarta-feira, a última aula sobre o milenar livro de sabedoria oriental. Na sala do apartamento do economista e professor de I Ching, Flávio de Almeida Prado de 58 anos, não havia somente executivos. Entre um gole e outro do chá de maçã, uma pianista, um engenheiro da Prefeitura, uma estudante de psicologia e uma terapeuta corporal, também ouviam compenetrados as lições de Almeida Prado.

“A palavra ‘executivo’ serviu para dar seriedade ao anúncio”, disse a pianista e artista plástica Eliete Werneck que, como os outros alunos, desembolsou NCzs 54,00 para introduzir-se no mundo do I Ching. O professor admite que quis ofere-

cer um curso para executivos mais com a intenção de atrair pessoas dinâmicas e espantar importunas “dondocas”. Ele acredita que o I Ching foi responsável por fazê-lo atravessar de cabeça erguida um dos períodos mais difíceis de sua vida — a falência de sua firma Fone Recados, em março do ano passado. “Ao consultá-lo tive a certeza que sairia daquela para algo melhor”, diz ele que joga I Ching há oito anos.

O “algo melhor”, no caso, é a sua Ausência Real, empresa que implanta projetos culturais em grandes empresas e promove cursos de I Ching na sala do apartamento de três quartos, onde mora sozinho. Na sua opinião, não adianta os executivos perguntarem ao livro se as suas aplicações na Bolsa de Valores terão êxito, porque o livro pode, no máximo, dizer se o momento é propício à compra de ações. Do

mesmo modo, um psicólogo de seleção não deve consultar o I Ching para saber se vale ou não a pena admitir um funcionário. “Os hexagramas só são capazes de aconselhar a conduta correta do psicólogo diante de um fato consumado, como o sucesso ou fracasso da contratação.”

Na noite da formatura do curso de I Ching, o empresário Angelo Della Catta, dono do Consórcio Acauã e que montou o seu negócio há apenas um ano, arriscou a primeira consulta. “O hexagrama ‘Caldeirão’ me aconselhou a trabalhar com seriedade para perseverar”, contava ele aos colegas da sala estrategicamente iluminada por três abajures. Antes de finalizar o curso, Almeida Prado retomou a primeira lição: “A modestia é o único hexagrama que não menciona o infortúnio. Ela é a chave de todo o sucesso profissional”.